



FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM MATTHEW LIPMAN

Larissa Cristina Cordeiro¹
Orientadora: Ana Karine Braggio²

Resumo: Matthew Lipman foi um filósofo e educador americano que se dedicou ao estudo do ensino de filosofia na educação infantil, desenvolveu um projeto no qual reinventa como encaramos a capacidade de entendimento das crianças nas suas primeiras formações educacionais. A pesquisa é motivada por uma questão central: como podemos reorganizar os fundamentos de como a filosofia é ensinada e adaptar conceitos complexos para torná-los compreensíveis para crianças? Esta reorganização dos fundamentos, segundo a visão de Lipman, visa preservar o pensamento crítico das crianças e desenvolver habilidades que envolvam a reflexão filosófica desde a infância. Um dos principais objetivos desta pesquisa é compreender os métodos eficazes para o ensino de filosofia às crianças. Isso implica não apenas na adaptação de conceitos, mas também criar estratégias pedagógicas que estimulem a curiosidade. Além disso, a pesquisa busca explorar como o ensino de filosofia pode ser vantajoso para o desenvolvimento infantil de maneiras multidisciplinares, mostrando que a filosofia pode se integrar a outras disciplinas, contribuindo para o desenvolvimento da escrita, da capacidade de concentração, da criatividade, do estímulo de raciocínio lógico, entre outras contribuições, enriquecendo assim a experiência educacional das crianças. Com base nisso, pretende-se demonstrar que a filosofia, além de se integrar com outras disciplinas, consegue obter resultados no desenvolvimento positivo das crianças em qualquer outra atividade que seja proposta. O ensino de filosofia na educação infantil, para Matthew Lipman, envolve não somente o entendimento de conceitos, mas também a capacidade de promover um desenvolvimento filosófico no qual estejam presentes a reflexão e o pensamento crítico. Esta pesquisa será apoiada na obra *A Filosofia Vai à Escola*, de Matthew Lipman, buscando demonstrar desde uma nova abordagem do ensino de filosofia para crianças e seus fundamentos, até questões práticas que podem colaborar para um plano de educação e uma boa aplicação do ensino de filosofia na educação infantil.

Palavras-chave: Filosofia. Educação. Criança. Ensino. Fundamentos.

Abstract: Matthew Lipman was an American philosopher and educator who dedicated himself to the study of teaching philosophy in early childhood education. He developed a project in which he reinvented the way we view children's ability to understand in their early educational training. The research is motivated by a central question: how can we reorganize the foundations of how philosophy is taught and adapt complex concepts to make them understandable to children? This reorganization of the foundations, according to Lipman's vision, aims to preserve children's critical thinking and develop skills that involve philosophical reflection from childhood. One of the main objectives of this research is to understand effective methods for teaching philosophy to

¹Graduanda de Licenciatura em Filosofia. Unioeste-PR. larissacrist.cordeiro@gmail.com.

²Doutora em Educação. UEM-PR. Professora do Curso de Filosofia Unioeste, campus Toledo. ana.braggio@unioeste.br.

children. This implies not only adapting concepts, but also creating pedagogical strategies that stimulate curiosity. Furthermore, the research seeks to explore how teaching philosophy can be advantageous for child development in multidisciplinary ways, showing that philosophy can be integrated with other disciplines, contributing to the development of writing, the ability to concentrate, creativity, stimulation logical reasoning, among other contributions, thus enriching children's educational experience. Based on this, we intend to demonstrate that philosophy, in addition to integrating with other disciplines, can achieve results in the positive development of children in any other activity that is proposed. Teaching philosophy in early childhood education for Matthew Lipman involves not only the understanding of concepts, but the ability to promote philosophical development in which reflection and critical thinking are present. This research will be supported by the work *Philosophy Goes to School* by Matthew Lipman, seeking to demonstrate everything from a new approach to teaching philosophy to children and its foundations, to practical questions that can contribute to an education plan and a good application of philosophy teaching. In early childhood education.

Keywords: Philosophy. Education. Child. Teaching. Fundamentals.

INTRODUÇÃO

Matthew Lipmann foi um filósofo e educador norte-americano, que se dedicou a desenvolver uma estratégia educacional voltada para alunos das séries iniciais. Seu objetivo central era desenvolver o pensamento por meio de discussões filosóficas.

Contudo, o ensino de filosofia para crianças ao longo da história sofreu contestações, enfrentando uma resistência que se apoiava no discurso de que crianças não tinham maturidade suficiente para lidar com questões filosóficas e que não eram capacitadas racionalmente para lidar com as mesmas (Kohan, 2008).

Contrariando as críticas, Lipman sabia, com convicção, que a filosofia desempenhava um papel fundamental no ambiente educacional. Por meio de seu trabalho realizado com crianças, ele pôde notar que o desenvolvimento do raciocínio filosófico não apenas melhorava o desempenho das crianças em outras disciplinas, mas também estimulava o interesse pelo aprendizado.

Desta forma, o projeto de Lipman se expandiu globalmente. Seu projeto visava uma reforma completa no sistema educacional, elevando a filosofia como uma ferramenta fundamental para tal transformação. Essa mudança envolvia considerações: teóricas, metodológicas e curriculares.

O objetivo deste texto é apresentar uma introdução do projeto de Lipman, e, desta forma, nos atentaremos apenas à primeira questão, a teoria.

FILOSOFIA É PARA CRIANÇAS?

A Filosofia faz parte da humanidade em sua totalidade, dedica-se a compreender conceitos que envolvem nossa relação com o outro e nós mesmos. Busca, por meio do pensamento crítico e reflexivo, entender a nossa interação com a natureza, com a política, com a ética e a moral; procura entender nossa essência, nossos valores, não se limitando apenas a um campo específico de pesquisa, mas explorando cada detalhe do pensamento e da existência das coisas no mundo.

O papel de um filósofo não se limita apenas ao desenvolvimento de análises críticas sobre os temas que ele se propõe a pesquisar. Ele atua como um desbravador do pensamento, se entrega ao desconhecido, se dedica à compreensão e ao questionamento.

Segundo Lipman (Lipman, 1990), as crianças compartilham das mesmas características de um filósofo, seu encantamento pelo mundo e sua curiosidade pelo conhecimento. Somando a curiosidade e o entusiasmo das crianças à prática da filosofia, temos um grande aliado à capacidade de introduzir filosofia para crianças.

É importante destacar que ao mencionarmos filosofia para crianças não estamos nos referindo à filosofia ensinada tradicionalmente nas escolas de Ensino Médio ou em universidades. Então de que tipo de filosofia estamos falando?

A PROPOSTA MODELO DE UMA FILOSOFIA PARA CRIANÇAS

Lipman destaca a diferença entre filosofia e filosofar no decorrer de alguns de seus trabalhos (Kohan, 2008). A filosofia trata da teoria propriamente dita e o filosofar se apresenta como prática filosófica. O verdadeiro objetivo de Lipman é introduzir a filosofia como prática para as crianças, fazendo com que elas experimentem a filosofia genuinamente, proporcionando uma experiência prática ao que se refere ao pensamento filosófico.

Mas quando falamos em filosofar, é essencial reconhecer que não estamos separando ou excluindo a filosofia teórica. Ao praticar filosofia, não podemos deixar de lado a teoria filosófica, visto que o pensamento filosófico faz parte de um grande processo histórico. Nesse sentido, Lipman adota uma nova abordagem ao ensino de filosofia, criando histórias em formato de novelas que exploram a história da filosofia. Proporcionando às crianças a experiência de fazer filosofia:

As idéias filosóficas estão espalhadas profusamente em cada página, de modo que é rara a criança que possa ler uma página sem ser golpeada por alguma coisa intrigante, alguma coisa controversa ou algo que a deixe maravilhada. À medida que as crianças que povoam o romance vão se envolvendo numa cooperação intelectual e, assim, formando uma comunidade de investigação, a história se torna um paradigma para crianças reais da sala de aula (Lipman, 1990, p. 22).

A filosofia ideal, em Lipman, envolve o pensamento crítico, a capacidade de análise e a argumentação. Desta forma, incentiva os estudantes a questionarem, debaterem e refletirem sobre

questões filosóficas. O objetivo de Lipman ao criar as novelas é justamente fomentar diálogos em sala de aula, motivando os estudantes a buscarem respostas, hipóteses e explorar as possibilidades diante das investigações proporcionadas pela leitura.

O professor deve afastar-se do modelo tradicional de ensino, caracterizado por monólogos, e assumir um papel de “facilitador” no processo de introdução da filosofia no desenvolvimento infantil. Isso envolve a criação de um ambiente propício ao estímulo filosófico, garantindo espaço para a participação ativa dos alunos, incentivando um diálogo entre todos e garantindo uma abordagem inclusiva.

A PROPOSTA DE UMA COMUNIDADE DE INVESTIGAÇÃO

Lipman propõe a comunidade de investigação como um novo paradigma dentro do sistema educacional, abandonando o sistema tradicional de ensino e explorando um diálogo reflexivo e genuíno nas salas de aula. Um ponto importante a ser destacado e questionado é o significado que Lipman atribui ao termo “investigação” em sua abordagem:

Lipman concebe como investigação (1995b) toda prática autocrítica e autocorretiva que tem como propósito obter um saber compreensivo que, por sua vez, seja capaz de produzir juízos mais apurados acerca do que a nossa experiência do mundo tem de problemática (Kohan, 2008, p. 28).

A autocorreção e a autocrítica são indispensáveis no âmbito da comunidade investigativa. É por meio delas que reconhecemos a necessidade de ajustarmos os nossos pensamentos e ideias, entendendo que nunca estaremos completamente certos sobre as coisas. O processo de busca pela correção é essencial para o aprimoramento do pensamento e da compreensão.

Outro ponto a ser destacado como essencial dentro da comunidade investigativa é o diálogo filosófico. Entendendo-o como uma prática filosófica, ele explora as inúmeras possibilidades das coisas no mundo. Esse diálogo deve funcionar de maneira recíproca, levando em consideração as diferenças individuais.

A lógica desempenha um papel significativo na comunidade filosófica. A lógica, para Lipman, é uma “metodologia da investigação”. Isso significa que ao dominar certos conhecimentos lógicos, o diálogo filosófico se torna mais claro e bem estruturado. Desta forma, a lógica se torna um elemento essencial nos diálogos, contribuindo para a clareza e a coesão das discussões. A lógica é o elemento que diferencia o diálogo filosófico de uma conversação.

Lipman não foi o primeiro a utilizar o termo “comunidade de investigação”; ele, na verdade, derivou essa ideia do pensamento de Charles Peirce, que inicialmente referia-se a uma comunidade de cientistas. No entanto, Lipman viu no projeto de Peirce uma expansão que ultrapassava as

investigações científicas. Ele reconheceu a possibilidade de aplicar esse conceito a uma abordagem mais ampla, não apenas ao método científico, mas também à investigação filosófica.

Se começarmos com a prática da sala de aula, a prática de convertê-las numa comunidade reflexiva que pensa nas disciplinas relativas ao mundo e sobre os seus pensamentos sobre o mundo, logo perceberemos que as comunidades podem ser alinhadas dentro de comunidades maiores e essas dentro de outras ainda maiores, desde que todas empreguem a mesma fidelidade aos mesmos procedimentos de investigação (Lipman, 1990, p. 37).

O efeito que Lipman sugeria às comunidades de investigação filosófica eram os mesmos efeitos que Peirce propunha em suas ideias. Começa com questões diante da realidade, sem uma resposta definida; isso conduz ao processo de investigação coletiva, em busca de uma solução para essas questões, mas as respostas encontradas são questionadas e colocadas à prova, dando início a um ciclo infinito de investigação.

A PROPOSTA DE UMA EDUCAÇÃO DEMOCRÁTICA

John Dewey exerceu uma forte influência para a compreensão do termo “educação” em Lipman. Para Dewey, a educação não se limita à memorização de elementos de determinadas disciplinas, ela é um processo que visa enriquecer a qualidade da experiência do estudante.

A relação que Dewey propõe entre educação e democracia ocorre de duas maneiras:

Educação para a democracia: está relacionada à disponibilidade e à capacidade de proporcionar aos estudantes todas as ferramentas necessárias para o seu desenvolvimento educacional. Trata-se de uma democracia que possibilita uma melhor experiência aos estudantes.

Educação na democracia: está ligada aos valores da democracia em si, das ferramentas e meios utilizados para a realização de ações democráticas: “Segundo Dewey, toda comunidade que adota para si os valores democráticos reflexiona, delibera e problematiza a própria democracia. A escola deveria contribuir nessa tarefa, como cenário privilegiado dessa deliberação” (Kohan, 2008, p.41).

A escola, para Dewey, tem um papel de democratização, contribuindo para que os alunos compreendam o funcionamento das ordens sociais dentro da própria sociedade quando adotam um sistema democrático, e questionando a própria democracia. É papel da escola colaborar com esses questionamentos e reflexões, incentivando a participação ativa dos alunos na construção do sistema democrático em que estão inseridos.

A democracia que Dewey descreve nos parece um tanto quanto fora da nossa realidade (Kohan, 2008). Para uma compreensão mais aprofundada sobre a democracia proposta pelo autor, vamos explorar a distinção que ele estabelece em relação ao seu entendimento sobre esse conceito.

Sentido político: aqui o autor refere-se ao sistema político democrático.

Sentido ético e social: aqui refere-se à democracia como uma forma de vida.

A democracia como forma de vida, conforme Dewey (Kohan, 2008), depende da máxima interação possível entre todos os indivíduos, buscando superar qualquer tipo de preconceito. Além disso, ela reconhece a mudança como um valor social. Em uma sociedade democrática é necessário haver uma constante correção e aprimoramento.

As duas conceitualizações de democracia se complementam entre si, dependem uma da outra, pois se instituições sociais não exercem características democráticas, as instituições políticas só ganham o título de democráticas por formalidade.

É a partir desses requisitos estabelecidos por Dewey que Lipman estabelece sua comunidade de investigação filosófica.

[...] Segundo Lipman, se cada disciplina escolar contribui com o processo de reconstrução da experiência individual e social de forma parcial, a filosofia prepara as crianças para pensar nas outras disciplinas, pensando tanto no que acontece nelas quanto sobre elas, bem como outorgando unidade ao que aparece disseminado nela (Kohan, 2008, p. 43).

Para Lipman, qualquer educação que não coloque ênfase no desenvolvimento do pensamento é considerada uma educação superficial. Ele destaca a filosofia, por ser a disciplina que se dedica ao pensamento, desempenha um papel essencial na educação em sua totalidade. Além das suas próprias características positivas ao desenvolvimento do pensamento, ela contribui para o pensar reflexivo sobre outras disciplinas.

A PROPOSTA DE UM PENSAR DE NÍVEL SUPERIOR

Lipman expõe a ideia de que a filosofia não apenas participa, mas também contribui para o ato de pensar. Contudo, é essencial compreender a natureza desse pensar ao qual Lipman se refere. O autor faz uma distinção entre o pensar cotidiano do pensar de nível superior.

O primeiro diz respeito ao pensar desprezioso, não exerce funções críticas, é um pensar que funciona de maneira automática. Já o segundo exige uma maior complexidade, conciliando três aspectos: a criticidade, a criatividade e o cuidado.

A criticidade: está totalmente ligada ao questionamento e à problematização. Seu papel é de avaliar critérios, distinguir e examinar informações detalhadamente. Este aspecto do pensamento é responsável por julgar a confiança e a validade das informações, sempre estimulando questionamentos que promovam a reflexão ativa.

A criatividade: é inovadora e expressiva. Seu papel envolve a exploração de diversas perspectivas, a busca de soluções inovadoras para problemas e a manifestação de ideias únicas e autênticas.

O cuidado: responsável por preservar aquilo que consideramos importante, destacando características empáticas, e de responsabilidade social. Estimula a reflexão sobre nossas ações e a influência que ela exerce sobre os outros. Os pensamentos de cuidado se dividem em quatro formas: valorativa, ativa, afetiva e normativa.

A forma valorativa se atenta ao valor que damos às coisas, e não nos referimos aqui ao valor material, mas sim ao valor sentimental. A forma ativa expressa nossas ações. A forma afetiva coloca nossos sentimentos como uma maneira de pensar. E, por fim, a forma normativa atenta-se ao que o pensar deve ser, aquilo que o torna mais exemplar.

Ao explorarmos toda a fundamentação teórica do projeto de Lipman, pode parecer que toda essa descrição do pensar é meramente formalidade para validar o diálogo filosófico nas fases iniciais. No entanto, Lipman percebe o pensamento de nível superior como sendo um caminho para grandes conquistas:

Assim, o programa filosofia para crianças de Matthew Lipman tem uma normatividade sociopolítica. Não se educa apenas para o pensar, mas para o pensar de ordem superior, e não só se educa para o pensar de ordem superior, se educa para uma cidadania democrática. Em outras palavras, há, segundo Lipman, ganhos sociais significativos que justificam essa aventura filosófica com crianças (Kohan, 2008, p.47).

O projeto de filosofia para crianças de Lipman não se limita ao ensinar filosofia, ou ao desenvolvimento do pensamento crítico nas crianças, mas busca demonstrar que a aplicação da filosofia para crianças pode gerar mudanças significativas em nossa sociedade. Lipman acredita na possibilidade de uma sociedade mais empática e democrática. Ao ensinar filosofia para crianças, existe a possibilidade de que elas questionem os métodos de instituições que deveriam ser democráticas, e muitas vezes na prática assumem características autoritárias.

REFERÊNCIAS

LIPMAN, Matthew. *A filosofia vai à escola*. São Paulo: Summus editorial, 1990.

KOHAN, Walter Omar. *Filosofia para crianças*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.